

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



***Stress Parental em Mães de Etnias
Africana e Lusa***

Quintinha João Dinis

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)

2012

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



Stress Parental em Mães de Etnias Africana e Lusa

Quintinha João Dinis

Dissertação orientada pela Prof.^a Doutora Salomé Vieira Santos

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)

2012

Agradecimentos...

O presente trabalho é fruto de um percurso de caminhada de formação académica e pessoal. Como tal, gostaria de expressar a minha profunda gratidão a todos os que, de uma maneira ou outra, contribuíram para que este projecto fosse realizado.

Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Salomé Vieira Santos, pelo exemplo incansável de rigor científico, pela sua disponibilidade em orientar-me, pela paciência com que lidou com os meus receios e ansiedade, pelo incentivo que me deu, sempre que percebeu qualquer dificuldade relacionada com a realização do trabalho assim como em situações de “dor emocional” a nível pessoal.

Agradeço, ainda, a todas as mães que se dispuseram a colaborar neste estudo, partilhando um pouco das suas vidas e das vidas dos seus filhos; sem o seu contributo teria sido impossível a realização deste trabalho.

A minha gratidão vai também para as Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo da Região de Espanha/Portugal, particularmente as comunidades em Portugal, pelo seu apoio e encorajamento, assim como para os Missionários do Verbo Divino e todos os amigos que me ajudaram a encontrar respondentes para o estudo.

Agradeço, ainda, ao pessoal da biblioteca, que com disponibilidade prestou a sua assistência na localização do material bibliográfico para a pesquisa.

Agradeço, de coração, à minha família que, mesmo à distância, me acompanhou com o seu apoio.

Finalmente, a minha profunda gratidão ao Deus Uno e Trino, Criador de tudo o que existe, pelas graças d’Ele recebidas e pela Sua constante presença ao longo deste projecto.

*A parentalidade pode ser considerada como uma "crise" na vida do indivíduo,
pois requer mudanças de atitudes, valores e papéis
(Hurlock, 1982)*

Resumo

O presente estudo tem três objectivos principais: (1) analisar se ocorrem diferenças no *stress* parental experimentado por mães de etnias africana e lusa com filhos de idades compreendidas entre os 5 e 10 anos; (2) explorar, nos dois grupos de mães, a relação do *stress* parental com a presença/ausência de problemas de comportamento na criança (perspectiva materna); (3) analisar a relação do *stress* parental com variáveis sociodemográficas referentes às mães (idade, número de filhos, escolaridade, estado civil, tipo de família e situação profissional) e à criança (sexo, idade e escolaridade), em ambos os grupos. Participaram no estudo 60 mães distribuídas por dois grupos: Grupo 1 (Africanas; N=30) e Grupo 2 (Lusas; N=30). O *stress* parental foi avaliado através do Índice de *Stress* Parental (Abidin & Santos, 2003). Construiu-se ainda uma Ficha para recolha de informação sociodemográfica e relativa à família e às crianças-alvo. Os resultados mostraram que as mães de etnia africana, comparativamente com as de etnia lusa, apresentam níveis mais elevados de *stress* parental associado com as características da criança (Domínio da Criança e subescalas Distracção/Hiperactividade, Reforço aos Pais e Aceitação), diferenciando-se ainda os grupos na Escala *Stress* de Vida. No Grupo 2 ocorreu uma relação significativa entre a presença de problemas de comportamento na criança e o *stress* parental (Domínio da Criança), associando-se este ainda com a escolaridade da mãe. Por sua vez, no Grupo 1 verificou-se que as mães que pertencem a famílias de tipo não-nuclear (e.g., monoparental, reconstruída) referem níveis mais altos de *stress* associados às suas próprias características (Domínio dos Pais). Neste grupo obtiveram-se ainda relações significativas e negativas da Idade e Escolaridade da criança com o Domínio dos Pais e com subescalas específicas deste Domínio.

Palavras-Chave: Parentalidade; *Stress* parental; Mães; Crianças; Etnia

Abstract

The present study has three main objectives: (1) to analyze whether differences occur in parenting stress experienced by mothers of African and Lusitanian ethnicities of children aged between 5 and 10 years; (2) to explore, in both groups of mothers, the relationship of parenting stress with the presence/absence of behavioral problems in the child (maternal perspective); (3) to analyze the relationship of parenting stress with socio-demographic variables referring to the mothers (age, number of children, educational level, marital status, family type and professional situation) and the child (gender, age and schooling) in both groups. 60 mothers divided into two groups participated in the study: Group 1 (African; N = 30) and Group 2 (Lusitanian; N = 30). Parenting stress was assessed by the Parenting Stress Index (Abidin & Santos, 2003). A Form was also constructed for collecting socio-demographic, family and target children information. The results showed that mothers of African ethnicity, compared with those of Lusitanian ethnicity, display higher levels of parenting stress associated with the child's characteristics (Child's Domain and subscales Distraction/Hyperactivity, Reinforcing Parent and Acceptance), and differ in the Life Stress Scale. In Group 2 there was a significant relationship between the presence of behavioral problems in the child and parenting stress (Child's Domain), the latter furthermore associated with the mother's educational level. In Group 1 mothers belonging to families of a non-nuclear type (e.g., single parent, stepfamily) reported higher levels of stress associated with their own characteristics (Parents' Domain). In this group significant and negative relations between the age and schooling of the child with the Parents' Domain and related specific subscales were also obtained.

Keywords: Parenting; Parenting Stress; Mothers; Children; Ethnicity

ÍNDICE

Introdução	1
1. Enquadramento Teórico	3
1.1 – Parentalidade.....	3
1.2 – <i>Stress</i> Parental.....	4
1.3 – Etnia e <i>Stress</i> parental	8
2. Objectivos e Hipóteses	12
2.1 – Objectivos.....	12
2.2 – Hipóteses.....	12
3. Método	14
3.1 – Participantes.....	14
3.1.1 – Caracterização do Grupo 1 (Mães de Etnia Africana).....	14
3.1.2 – Caracterização do Grupo 2 (Mães de Etnia Lusa).....	16
3.2 – Instrumentos.....	19
3.2.1 – Índice de <i>Stress</i> Parental.....	19
3.2.2 – Ficha de Recolha de Informação.....	20
3.3 – Procedimento.....	21
4. Resultados	22
4.1 – <i>Stress</i> Parental: Comparação das Respostas das Mães dos Grupos 1 e 2.....	22
4.2 – Relação do <i>Stress</i> Parental com os Problemas de Comportamento da Criança - Grupos 1 e 2.....	24
4.3 – Relação do <i>Stress</i> Parental com Variáveis Sociodemográficas e Famíliares das Mães - Grupos 1 e 2.....	25
4.4 – Relação do <i>Stress</i> Parental com Variáveis Sociodemográficas das Crianças - Grupos 1 e 2.....	28

5. Discussão	30
5.1 – Diferenças no <i>Stress</i> Parental Experimentado por Mães de Etnia Africana e Lusa.....	30
5.2 – Relação do <i>Stress</i> Parental com Problemas de Comportamento da Criança.....	31
5.3 – Relação do <i>Stress</i> Parental com Variáveis Sociodemográficas e Familiares	32
6. Conclusão	34
Referências Bibliográficas	36
Anexo	40

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Escolaridade das Mães (Grupo 1) – Frequências e Percentagens (%)...	15
Quadro 2 – Escolaridade dos Pais (Grupo 1) – Frequências e Percentagens (%)...	15
Quadro 3 – Escolaridade das Crianças (Grupo 1) – Frequências e Percentagens (%)..	16
Quadro 4 – Escolaridade das Mães (Grupo 2) – Frequências e Percentagens (%)...	17
Quadro 5 – Escolaridade dos Pais (Grupo 2) – Frequências e Percentagens (%).....	18
Quadro 6 – Escolaridade das Crianças (Grupo 2) – Frequências e Percentagens (%)..	18
Quadro 7 – ISP - Comparação das Respostas do Grupo 1 e do Grupo 2: Médias (M), Desvios-Padrão (DP) e Valores de t.....	23
Quadro 8 – Correlação do <i>Stress</i> Parental (Domínios do ISP) com os Problemas de Comportamento da Criança (Grupos 1 e 2).....	24
Quadro 9 – Grupo 2 (Lusas): Correlação do <i>Stress</i> Parental (Subescalas do Domínio da Criança do ISP) com os Problemas de Comportamento da Criança.....	25
Quadro 10 – Correlação do <i>Stress</i> Parental (Domínios do ISP) com Variáveis Sociodemográficas das Mães – Idade, Escolaridade e Número de Filhos (Grupos 1 e 2).....	25
Quadro 11 – Correlação do <i>Stress</i> Parental (Subescalas do Domínio da Criança do ISP) com a Escolaridade da Mãe (Grupo 2).....	26
Quadro 12 – Correlação do <i>Stress</i> Parental (Domínios do ISP) com o Tipo de Família (Grupos 1 e 2).....	27
Quadro 13 – Grupo 1 (Africanas): Correlação do <i>Stress</i> Parental (Subescalas Domínio dos Pais do ISP) com o Tipo de Família.....	27
Quadro 14 – Correlação do <i>Stress</i> Parental (Domínios do ISP) com Variáveis Sociodemográficas das Crianças (Grupos 1 e 2).....	28
Quadro 15 – Correlação do <i>Stress</i> Parental (Subescalas do Domínio dos Pais do ISP) com a Idade e a Escolaridade da Criança (Grupo 1).....	29

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo teórico subjacente ao PSI.....	6
---	---

Introdução

O presente trabalho centra-se na parentalidade, em particular no *stress* parental, analisando-se o *stress* experimentado por dois grupos de mães, de etnia africana e lusa, com crianças de idades compreendidas entre os 5 e 10 anos.

A eleição desta temática teve por base não só um interesse pessoal pelo “*stress* parental e etnia”, como a constatação de que em Portugal é escassa a investigação neste domínio, em particular no que se refere à etnia africana.

A literatura internacional na área de *stress* parental (e.g., Abidin, 1995; Crnic & Low, 2002; Putnick et al., 2010) evidencia que ele não só é extensível a todos os pais (em diversos contextos e com diferentes características sociodemográficas) como é multideterminado, sendo influentes factores associados à criança, aos pais, à relação estabelecida e ao *stress* de vida. Níveis elevados de *stress* parental podem ter consequências para o desenvolvimento da criança e para o funcionamento parental (e.g., Abidin, 1995), constatando-se mesmo que os pais nestas circunstâncias têm uma maior probabilidade de recorrer a práticas negativas na interacção com a criança (Guajardo, Snyder, & Petersen, 2009).

Em relação à etnia, Raphael, Zhang, Liu e Giardino (2009) destacam uma associação entre a etnia africana e o *stress* parental. Adicionalmente, a literatura salienta que as mães de etnia africana experimentam níveis mais elevados de *stress*, em comparação com as mães euro-americanas (e.g., Grote, Bledsoe, Larkin, Lemay, & Brown, 2007; Taylor, Roberts & Jacobson, 1997). Demonstra-se também que a monoparentalidade materna coloca desafios acrescidos (e.g., Taylor, Larsen-Rife, Conger, Widaman, & Cutrona, 2010; Taylor, Washington, Artinian & Lichtenberg, 2007) e que as dificuldades económicas nas mães desta etnia (e.g., Cain & Combs, 2005; Taylor et al., 2007) e a vulnerabilidade psicológica (Cain & Combs-Orme, 2005; Cairney, Boyce, Offord, & Racine, 2003) constituem factores associados com os níveis de *stress* no desempenho do papel parental. No entanto, Cain e Combs-Orme (2005) referem que a confiança que as famílias de etnia africana (afro-americanas) têm nas redes sociais próximas (e.g., parentes, vizinhos e membros da igreja) para a partilha dos cuidados à criança, pode ter consequências positivas em termos de *stress* parental.

Apesar destes resultados, e como se referiu acima, continua a carecer-se de estudos que abordem o *stress* parental em diferentes etnias, em particular no contexto português, pretendendo este trabalho dar um contributo para a investigação neste domínio.

Quanto à estrutura do trabalho, ele encontra-se dividido em seis pontos. No primeiro apresenta-se o enquadramento teórico, com base na revisão de literatura efectuada acerca da parentalidade, do *stress* parental, e da relação entre etnia e *stress* parental. No segundo ponto, estão descritos os objectivos bem como as hipóteses colocadas. O terceiro ponto foca a metodologia utilizada, subdividindo-se em três pontos - participantes, instrumentos e procedimentos usados para a recolha dos dados. No quarto ponto são apresentados os resultados obtidos (organizados segundo os objectivos do estudo) e no quinto ponto a sua discussão. Por último, no sexto ponto figuram as conclusões gerais do trabalho, as limitações e sugestões para futuros estudos.

1. Enquadramento Teórico

1.1 Parentalidade

Stress e felicidade são conceitos distintos, mas que estão interligados nas experiências dos pais em toda a parte do mundo (Deater-Deckard, 2004).

Tornar-se pai ou mãe é ser lançado num mundo de grandes responsabilidades e de crescimento pessoal, com vários desafios, trazendo a parentalidade uma mistura de recompensas e de dificuldades. Para alguns pais, a parentalidade corresponde, por vezes, a um caminho difícil que pode envolver desafios e preocupações com os filhos, mudanças no relacionamento com o cônjuge e, mesmo, declínio na saúde física e mental, com potenciais consequências negativas para o funcionamento na família e no trabalho (Deater-Deckard, 2004; Guajardo, Snyder, & Petersen, 2009). Apesar disto, em geral a maioria dos pais valoriza a parentalidade e está satisfeita com o seu papel parental (ver Putnick et al., 2010), e as experiências quotidianas que decorrem de se ser mãe ou pai, e tudo aquilo que envolve a prestação de cuidados aos filhos, podem ser vividas como experiências positivas e gratificantes, que proporcionam aos pais um sentido de competência (Crnic & Low, 2002).

Como se referiu, a parentalidade constitui um processo desafiante, dadas as dificuldades inerentes aos cuidados diários à criança, as características desta e o seu desenvolvimento continuado (Abidin, 1992). Com efeito, trata-se de um processo complexo que envolve adaptações e mudanças para os pais, e a percepção destes sobre as suas capacidades para corresponderem às exigências colocadas pelo papel parental é um importante factor de influência quer na relação pai/mãe-criança, quer no desenvolvimento desta (Idem). As exigências que os pais enfrentam têm, pois, consequências para o desempenho do papel parental, e o funcionamento da família é também fortemente influenciado pela capacidade destes para atender a tais exigências (McCubbin & Patterson, 1983, cit. por Wheatley & Wille, 2009).

Como mencionam Solis-Ponton e Lebovici (2004), a parentalidade vai para além do factor biológico, estando ligada à experiência de tornar-se mãe ou pai, o que inclui a aceitação da herança parental e questões conscientes e inconscientes, devendo a criança ser e sentir-se desejada pelos seus pais. Nesta lógica, os autores apresentam uma definição de parentalidade como o produto do parentesco biológico e do processo de tornar-se pai e mãe.

Ao longo do tempo, tem sido alvo de estudo a percepção dos pais acerca do comportamento e características dos filhos, e a sua influência no exercício do papel parental,

reconhecendo-se que tal é importante para a percepção que os próprios pais têm da sua capacidade para ser mãe ou pai (Crnic & Low, 2002). Deste modo, a investigação nesta área tem tentado compreender a parentalidade e identificar os factores que a influenciam (Idem).

1.2 Stress parental

O *stress* parental constitui uma experiência universal para os pais de todos os grupos sociodemográficos, e em todos contextos. Ele é multideterminado, podendo ser atribuído a desafios específicos, entre eles, a dificuldade na gestão de tarefas parentais, o comportamento da criança, as características dos próprios pais ou a interacção disfuncional entre pais e filhos (ver Abidin, 1995; Putnick et al., 2010).

Ele pode ser definido como “uma reacção psicológica adversa, perante as exigências de se ser mãe ou pai, que é experienciada com sentimentos negativos, acerca do próprio e da criança, sentimentos estes que são directamente atribuídos às exigências da parentalidade” (Deater-Deckard, 1998, p. 315).

Crnic e Low (2002) fazem a distinção entre a exposição intermitente dos pais a factores de *stress* parental e a exposição a *stress* crónico, sendo que a última é mais prejudicial, quer para a criança quer para a figura parental, e pode comprometer o investimento no cuidado à criança. Salienta-se ainda que a interferência dos contextos de interacção dos pais e dos filhos é susceptível de minorar ou aumentar os níveis de *stress* experimentado (Idem).

A literatura indica também que o acumular dos acontecimentos do dia-a-dia que causam aborrecimento, associados com a parentalidade, são passíveis de mudar a natureza da relação pais-criança e o funcionamento familiar ao longo do tempo (ver Crnic & Low, 2002).

Na linha do acima sugerido, a competência parental pode tornar-se mais problemática quando os pais experimentam factores de *stress* de forma mais frequente e com mais intensidade (Idem), acentuando Wheatley e Wille (2009) que não é necessariamente um evento único que provoca o *stress* dos pais, mas sim as variadas exigências que se acumulam e ultrapassam os recursos disponíveis; o desequilíbrio de recursos pode resultar na disfunção das respostas da família ao *stress*, dependendo da natureza da situação, de características familiares e do bem-estar psicológico e físico dos membros da família.

Por sua vez, Crnic e Low (2002) afirmam que nem todos os pais sentem a parentalidade ou o comportamento da criança como geradores de *stress*, identificando diversos factores que podem contribuir para a experiência de *stress* dos pais. São eles: factores parentais (e.g., o nível de *stress* durante a gravidez, a história familiar e a vulnerabilidade ao *stress*, os atributos de personalidade e as crenças em relação aos cuidados e ao desenvolvimento da criança); factores da criança (e.g., as características individuais como o temperamento e o comportamento); factores familiares (e.g., o relacionamento marital e o processo da co-parentalidade). Os autores sublinham ainda que os pais podem sentir-se em *stress* apenas com as tarefas do dia-a-dia associadas à parentalidade (e.g., lidar com horários complicados e com os cuidados à criança), e que outros contextos, fora do sistema familiar (e.g., contextos laborais), são susceptíveis de afectar o grau de *stress* parental experimentado.

O *stress* parental pode ter consequências nefastas para o funcionamento parental e para o desenvolvimento da criança (e.g., Abidin, 1995), constatando-se, por exemplo, que os pais que experimentam níveis mais elevados de *stress* (em comparação com os que referem níveis mais baixos) são menos sensíveis e afectuosos com os filhos, e são mais propensos a usar técnicas disciplinares negativas, de poder-afirmação (Guajardo et al., 2009). Tal é especialmente relevante uma vez que o uso excessivo de tais técnicas pode prejudicar o desenvolvimento socio-emocional e cognitivo da criança (Idem). Acresce que tem sido encontrada uma associação entre *stress* parental e problemas de comportamento na criança (e.g., Baker et al., 2003; Deater-Deckard, 1998; Johnston & Mash, 2001).

É, no entanto, de ter em consideração que os factores geradores de *stress* parental mudam com o crescimento da criança (ver Neece & Baker, 2008); por exemplo, enquanto na infância o foco central é nas questões que exigem cuidados, na adolescência pode ser especialmente gerador de *stress* a crescente exigência de independência por parte do adolescente.

O *stress* parental tem sido conceptualizado de diferentes formas, e vários modelos teóricos foram desenvolvidos (e.g., Abidin, 1995; Mash & Johnston, 1990; Östberg & Hagekull, 2000; Webster-Stratton, 1990; ver também Belsky, 1984). Todos estes modelos consideram o *stress* parental como multideterminado, para ele contribuindo diferentes tipos de características (e.g., da criança, da figura parental, da interacção estabelecida, do contexto familiar e externo à família). No âmbito destas características, pode ser dada saliência a variáveis específicas e a relações particulares entre elas, consoante os modelos. Tendo em

conta a relevância do modelo de R. Abidin para este trabalho, já que este modelo está subjacente à construção do instrumento utilizado no presente estudo para avaliar o *stress* parental (*Parenting Stress Index* – PSI), apresenta-se em seguida uma caracterização do mesmo.

Como se referiu anteriormente, o modelo tem por base a perspectiva de que o *stress* é multideterminado, sendo que, conforme se observa na Figura 1, o *stress* experimentado pelas figuras parentais resulta do contributo de características específicas da criança, de características da figura parental e de variáveis situacionais (Abidin, 1995; Abidin & Santos 2003).

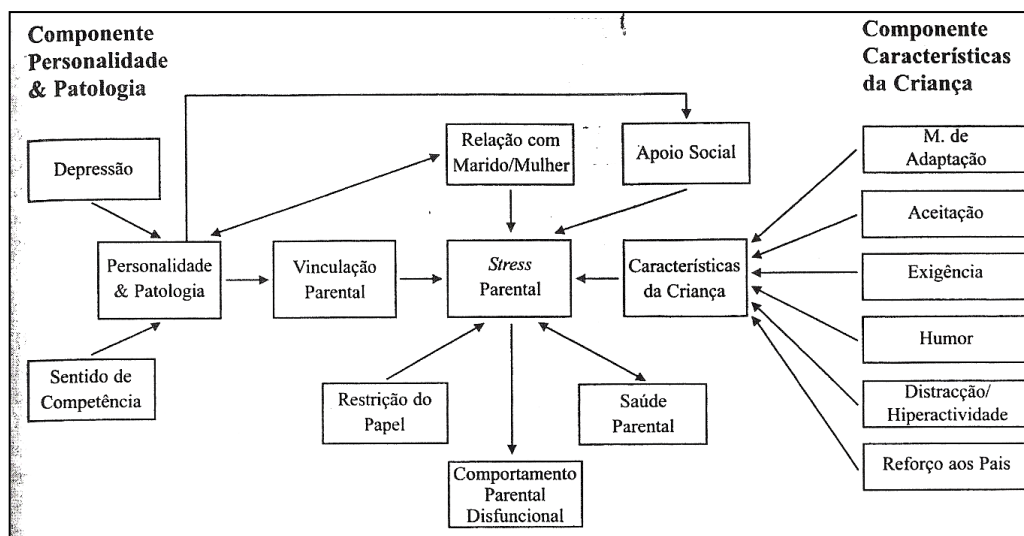


Figura 1 – Modelo teórico subjacente ao PSI

(Reproduzido de Abidin & Santos, 2003)

As características da criança contempladas no modelo correspondem a quatro variáveis relacionadas com o temperamento (Distracção/Hiperactividade, Maleabilidade de Adaptação, Exigência e Humor) e duas outras variáveis, de tipo interactivo, relativas às expectativas dos pais face à criança (Aceitação) e ao facto de eles se sentirem reforçados por ela (Reforço aos Pais). Ao nível das características dos pais, são consideradas variáveis relacionadas com a personalidade e patologia (Depressão, Sentido de Competência e Vinculação; as duas primeiras têm um impacto na terceira), e variáveis situacionais perspectivadas como importantes no nível de *stress* experimentado (Relação Marido/Mulher, Isolamento Social, Saúde parental e Restrição do Papel).

Níveis muito elevados de *stress* parental aumentam a probabilidade de existir uma parentalidade disfuncional, contudo, níveis muito baixos de *stress* parental também podem

denotar disfuncionalidade uma vez que são passíveis de indiciar desinvestimento na relação com a criança (Abidin, 1995; Abidin & Santos, 2003).

Abidin (1995) dá ainda saliência à influência do *stress* de vida (acontecimentos de vida), que pode moderar ou aumentar as dificuldades da parentalidade.

Após a referência à conceptualização do *stress* parental, é ainda de mencionar que ele tem sido alvo de um grande volume de investigação, com amostras clínicas e não-clínicas. A título ilustrativo refira-se que os estudos que comparam o *stress* parental em mães e pais apontam para algumas diferenças entre eles (ver Crnic & Low, 2002), considerando-se que quer factores biológicos, quer factores sociais referentes à parentalidade podem interferir nestas diferenças. Por outro lado, constata-se que, tradicionalmente, são as mães que despendem mais tempo com os filhos, nomeadamente nos cuidados à criança, sendo o tempo que os pais passam com os filhos direccionado, geralmente, para actividades mais práticas/lúdicas (Idem). É possível que esta diversidade tenha consequências para a experiência de *stress* parental em mães e pais. Identifica-se ainda que a ajuda recebida por parte do cônjuge pode minorar a experiência de *stress* parental, verificando-se que as mães que recebem mais ajuda emocional do cônjuge e no cuidado dos filhos relatam menos *stress* parental directamente relacionado com as responsabilidades parentais (ver Osborne, 1989).

Willinger, Diendorfer-Radner, Willnauer, Jörgl e Hager (2005) destacam a importância do laço estabelecido com a criança na abordagem do *stress* parental, realizando um estudo com mães de crianças com uma idade média de 7 anos e em que um dos instrumentos utilizados foi o *Parenting Stress Index* (cujas adaptação portuguesa foi, como se referiu, usada no presente trabalho). De acordo com os resultados, os laços afectivos parentais óptimos (mãe e pai), que implicam uma combinação de mais comportamentos de cuidado e afecto, menos controlo, e permissão de autonomia, estavam associados a níveis mais baixos de *stress* parental resultante de características quer da criança, quer dos pais. Estes níveis óptimos de cuidado à criança fornecem-lhe as bases necessárias para que ela se possa desenvolver de acordo com o padrão de vinculação mais desejável, o estilo seguro, permitindo-lhe ser capaz de enfrentar desafios e de reagir de forma mais adaptativa a situações de *stress*. As experiências precoces de vinculação têm grande influência no percurso de desenvolvimento dos sujeitos, porque é na infância, e no contexto das relações que se estabelecem, que as expectativas básicas, incluindo sobre si próprio, se afirmam. O mesmo também é válido, como referem os autores do estudo, para a relação que estes sujeitos estabelecem com os seus filhos.

O tipo de família e a situação económica são exemplos de outro tipo de factores que podem ser relevantes para o *stress* parental. Verifica-se que as mães que pertencem a famílias monoparentais revelam níveis mais elevados de *stress*, em comparação com as mães casadas (e.g., Taylor et al., 2010; Mullins et al., 2011). Para este resultado pode contribuir a sua maior exposição a factores de *stress* (Taylor et al., 2010), constituindo o baixo rendimento económico um factor de risco igualmente importante para estas mães (Mullins et al., 2011). Por sua vez, o estudo de Cairney, Boyle, Offord e Racine (2003) mostra que mães em situação de monoparentalidade, em comparação com mães casadas, apresentam uma maior probabilidade de terem sofrido um episódio de depressão e relatam níveis mais elevados de *stress* de vida crónico e níveis mais baixos de suporte social percebido.

1.3 – Etnia e *Stress* parental

O termo *etnia* deriva do grego *ethnos*, cujo significado é povo. A etnia pode ser definida como “um conjunto de indivíduos que, podendo pertencer a raças e a nações diferentes, estão unidos por uma cultura e, particularmente, por uma língua comum” (ver www.infopedia.pt/lingua-portuguesa-ao/etnia). A etnia representa a consciência de um grupo de pessoas que se diferencia das outras e esta diferenciação ocorre em função de aspectos culturais, históricos, linguísticos, raciais, artísticos e religiosos (Idem). Os cientistas sociais, por sua vez, definem *etnia* como "uma identidade racial, linguística, nacional ou de um grupo social compartilhado" (e.g., Hoffmeyer-Zlotnik & Warner, 2010, p. 107).

O *stress* parental tem sido apontado como elevado em famílias afro-americanas (Raphael et al., 2009). Por sua vez, num estudo de Middlemiss (2003), realizado com mães de dois grupos étnicos (negras/afro-americanas e brancas/euro-americanas) sobressai que os dois grupos de mães relataram experimentar níveis elevados de *stress*, mas as mães negras/afro-americanas experimentaram *stress* com mais frequência.

Vários autores afirmam que os pais afro-americanos são especialmente vulneráveis ao *stress* psicológico associado a acontecimentos do dia-a-dia que afectam as suas vidas, por exemplo, a diminuição do *status* atribuído, o rendimento mais baixo e as desigualdades raciais (ver Taylor et al., 2007). A cultura é tida como uma fonte de *stress* na relação pais-filhos e, embora muitos pais expressem opiniões positivas sobre os seus filhos, a parentalidade é considerada *stressante* devido a exigências sociais e culturais, constatando-se ainda que o baixo rendimento económico, o baixo nível de escolaridade e o reduzido apoio

social contribuem para o aumento do *stress* nestes pais, e também nos avós (ver Taylor et al., 2007). Acresce que as condições de vida geradoras de *stress* que pais com um baixo rendimento enfrentam, enfraquecem seu estado emocional, para além de que a pobreza diminui a capacidade dos pais para se constituírem como apoiantes e afecta a suas competências de envolvimento e consistência, tornando-os também mais vulneráveis aos efeitos dos acontecimentos de vida negativos (McLoyd, 1990).

Também Grote et al., (2007) realçam que as mulheres negras/afro-americanas experimentam níveis mais elevados de *stress* e de *stressores* crónicos, comparativamente com as mulheres brancas/euro-americanas. Sobressai ainda que o *stress* e a vulnerabilidade psicológica influenciam negativamente a qualidade da parentalidade através de comportamentos como a monitorização ineficaz das crianças, agressão e hostilidade parental, e inconsistência no funcionamento parental (Cain & Combs-Orme, 2005; Cairney et al., 2003), destacando-se que os processos familiares são um mediador crítico do efeito das dificuldades económicas no ajustamento social das crianças (Mistry, Vandewater, Huston, & McLoyd, 2002; ver também McLoyd, 1998). Mistry et al. (2002) apontam também que níveis mais baixos de bem-estar económico, e a percepção de elevada pressão económica nos pais das minorias étnicas do seu estudo (negros/afro-americanos e hispânicos) afectam indirectamente o comportamento parental através do impacto no bem-estar psicológico dos pais. Acresce que os pais com um comportamento parental desajustado referem sentir-se menos eficazes nas interacções disciplinares com seus filhos e são menos afectuosos na relação com a criança, o que tem consequências no comportamento social desta e em termos de problemas de comportamento.

Na linha de outros autores, Taylor et al. (1997) referem que as experiências *stressantes* ocorrem com maior frequência em muitas famílias negras/afro-americanas por causa de sua frágil situação económica. No mesmo sentido, Cain e Combs-Orme (2005) verificaram que o baixo nível socioeconómico e as percepções das mães afro-americanas sobre a qualidade da parentalidade que elas próprias receberam, contribuíram mais para o *stress* parental do que o estado civil ou a estrutura da família. Estes autores realçam que uma das mais importantes tradições nesta etnia, no que diz respeito a valores e crenças, é a confiança em redes sociais próximas (parentes, vizinhos e membros da igreja) para partilhar o cuidado da criança, atenuando assim alguns efeitos negativos, designadamente da monoparentalidade, um dos factores potencialmente geradores de *stress* parental.

Também Kessler e Neighbors (1986) no seu estudo sobre etnia, nível socioeconómico e perturbação emocional, concluíram que os afro-americanos com frágil situação económica eram particularmente vulneráveis a factores de *stress* relacionados com a etnia, relatando níveis mais elevados de *stress* comparativamente com os euro-americanos com idêntico nível socioeconómico. Contudo, não surgem diferenças entre os dois grupos nos níveis de *stress* quando está em causa um nível socioeconómico médio (em ambos os grupos), reforçando o risco acrescido das famílias com baixo rendimento. Por sua vez, Pinderhughes e cols. (Pinderhughes, Dodge, Bates, Pettit, & Zelli, 2000) mostram que os pais afro-americanos de nível socioeconómico baixo reportam mais práticas disciplinares negativas em relação aos filhos.

Na sequência do que foi anteriormente exposto, alguns autores (e.g., Beker & Liddle, 2001; McLoyd, 1990;), reforçam a perspectiva de que os efeitos de *stressores* crónicos de carácter financeiro por que muitos pais em situação económica instável passam no seu quotidiano, afectam fortemente o seu funcionamento psicológico e podem comprometer a sua capacidade parental.

Por sua vez, o estudo realizado por Franco, Pottick e Huang (2010), baseado numa amostra de mães de crianças pequenas, de várias etnias, a viver em grandes cidades nos EUA, recorreu a um modelo ecológico para examinar o impacto, sobre o *stress* parental, do nível de coesão e de perturbação social nos bairros habitacionais. Verificaram que o tipo de bairro é relevante para o *stress* parental, de tal forma que a minoria estudada (negros/afro-americanos) a viver em bairros com níveis elevados de perturbação social experimenta menos *stress* do que os pais brancos/euro-americanos a viverem num bairro similar.

Sobressai igualmente que as famílias monoparentais maternas (negras/afro-americanas) enfrentam uma série de desafios económicos e psicológicos acrescidos, sendo mais propensas a experiências de vida *stressantes* (Murry, Bynum, Brody, Willert, & Stephens, 2001; Taylor et. al. 2007). Estes desafios são prejudiciais não só para o bem-estar individual, mas também pelo seu impacto na qualidade da parentalidade e no comportamento da criança. Com efeito, a literatura indica que situações ou factores de *stress* como a monoparentalidade, a ausência de apoio social ou a frágil situação económica da figura parental (já antes referida), comprometem o seu estado emocional (McLoyd, 1990; ver também Pinderhughes et al., 2000), o que tem consequências para a parentalidade e para o *stress* experimentado no desempenho do papel parental.

Refira-se ainda que no estudo de Taylor et al. (2007), com pais afro-americanos, a idade das figuras parentais, o sexo e a escolaridade não predizem o *stress* parental, mas o número de filhos em casa e o apoio social são preditores significativos.

Apesar de na literatura internacional existirem, como se ilustrou, pesquisas que abordam o *stress* parental e a etnia, ainda que em alguns casos o foco seja sobretudo nas consequências do *stress* de vida para a parentalidade, em Portugal as referências são muito escassas. A este propósito mencione-se o estudo de Baião (2009) onde se verificou que, num grupo de mães de bebés prematuros, as mães de etnia africana tendem a manifestar níveis mais elevados de *stress* parental.

Nesta sequência, o presente estudo poderá dar um contributo para aumentar o conhecimento sobre a temática em análise (*stress* parental e etnia), no contexto português.

2. Objectivos e Hipóteses

Neste ponto, são explicitados os objectivos do presente trabalho e as hipóteses que foram delineadas.

2.1 – Objectivos

Objectivo 1. Analisar se ocorrem diferenças no *stress* parental experimentado por mães de etnia africana (Grupo 1) e mães de etnia lusa (Grupo 2) com filhos de idades compreendidas entre os 5 e 10 anos.

Objectivo 2. Explorar a relação do *stress* parental com problemas de comportamento da criança (perspectiva materna) em ambos os grupos.

Objectivo 3. Analisar, em ambos os grupos, a relação do *stress* parental com (a) variáveis sociodemográficas e familiares referentes às mães, designadamente idade, número de filhos, escolaridade, estado civil, situação profissional e tipo de família; (b) variáveis sociodemográficas relativas à criança - sexo, idade e escolaridade.

2.2 – Hipóteses

Com base na revisão de literatura efectuada, colocam-se as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: Espera-se que o grupo de mães de etnia africana, comparativamente com o grupo de mães de etnia lusa, apresente um nível mais elevado de *stress* parental (Domínio da Criança e/ou Domínio dos Pais).

Hipótese 2: Estima-se que as mães de crianças que apresentam problemas de comportamento (perspectiva materna), experimentem níveis de *stress* parental mais elevados (independentemente do grupo).

Hipótese 3: Prevê-se que haja uma relação do *stress* parental (Domínio da Criança e/ou dos Pais) com pelo menos alguma das variáveis sociodemográficas maternas consideradas.

Hipótese 4: Estima-se que haja uma relação do *stress* parental (Domínio da Criança e/ou dos Pais) com o tipo de família (níveis superiores de *stress* quando a família é não-nuclear, prevendo-se que tal ocorra pelo menos para o Grupo 1 – mães de etnia africana).

Hipótese 5: Espera-se que haja uma relação do *stress* parental (Domínio da Criança e/ou dos Pais) com pelo menos alguma das variáveis sociodemográficas da criança consideradas.

3. Método

3.1. Participantes

Para a elaboração deste ponto recorreu-se à informação obtida através da Ficha de Recolha de Informação (ver Anexo), construída no âmbito do presente estudo e que será descrita no ponto 3.2.2.

Participaram no estudo 60 mães distribuídas por dois grupos: Grupo 1 - mães de etnia Africana (N=30) e Grupo 2 - mães de etnia Lusa (N=30). As mães do Grupo 1 têm idades compreendidas entre os 23 e os 51 anos ($M = 35.13$; $DP = 7.17$) e as do Grupo 2 entre os 27 e os 45 anos ($M = 38.23$; $DP = 4.17$). Os critérios de selecção das participantes foram os seguintes:

- a) ter pelo menos um/a filho/a com idades entre os 5 e os 10 anos e
- b) co-habitar com a referida criança.

3.1.1. Caracterização do Grupo 1 (Mães de Etnia Africana)

Neste grupo, 30% das mães são de Angola, 30% de S. Tomé e Príncipe, 23.3% da Guiné-Bissau e 16.7% de Cabo-Verde. O tempo de permanência em Portugal varia entre 1 e 39 anos ($M = 11.07$; $DP = 8.56$). Destaca-se que 40% residem em Portugal há menos de 10 anos, 26.5% residem há mais de 13 anos e cerca de 1/3 (33.3%) entre 10 e 12 anos.

A maioria das mães é casada ou vive em união de facto (17 – 57%), 36.7% são solteiras e apenas duas mães (7%) estão divorciadas ou separadas.

No Quadro 1 figuram as frequências e percentagens relativas ao nível de escolaridade das mães. A maioria (56.7%) tem 9 a 12 anos de escolaridade.

A maior parte das mães está empregada (63.3%), sendo que em 43.3% dos casos é a tempo inteiro (20% a tempo parcial). De destacar que 36.7% das mães estão desempregadas.

Em relação ao tipo de família, a maioria vive numa família alargada (40%) ou nuclear 30% no momento do estudo; cinco mães pertencem a uma família monoparental (16.7%), duas a uma família reconstruída (6.7%) e em dois casos trata-se de uma família de adopção (6.7%). O número de filhos varia entre 1 e 6 ($M = 2.70$; $DP = 1.39$). Um terço das mães tem quatro filhos (33.3%), nove mães têm um filho (30%), seis têm três (20%), quatro mães dois

(13.3%) e uma tem seis filhos (3.3%). O número de raparigas, varia entre 0 e 4 ($M = 1.27$; $DP = 1.29$) e o número de rapazes também entre 0 e 4 ($M = 1.47$; $DP = 1.04$).

Quadro 1

Escolaridade das Mães (Grupo 1) – Frequências e Percentagens (%)

	Frequências	%
Menos de 4 anos	1	3.3%
4 anos	3	10%
6 anos	6	20%
9 anos	8	26.7%
12 anos	9	30%
Ensino Superior	3	10%

Relativamente ao pai da criança, as idades situam-se entre os 24 e os 55 anos ($M = 40.53$; $DP = 7.62$). Considerando a nacionalidade, 33.3% são de Angola, 30% de S. Tomé e Príncipe, 23.3% da Guiné-Bissau e 17% são de Cabo-Verde. Do Quadro 2 constam as frequências e percentagens referentes ao nível de escolaridade do pai. A maioria completou nove ou mais anos de escolaridade, tendo 13.3% um Curso Profissional.

Quadro 2

Escolaridade dos Pais (Grupo 1) – Frequências e Percentagens (%)

	Frequências	%
4 anos	3	10%
6 anos	2	6.7%
9 anos	6	20%
12 anos	7	23.3%
Curso Profissional	4	13.3%
Ensino Superior	8	26.7%

Em relação às crianças-alvo (com idades entre os 5 e os 10 anos), 17 são do sexo feminino (57%) e 13 do sexo masculino (43%) com uma idade média de 7.67 anos ($DP =$

1.65). Quanto ao local de nascimento, 22 crianças nasceram em Portugal (73.3%) e 8 crianças em África (26.7%) – Angola, S. Tomé e Príncipe, Guiné e Cabo-Verde.

Mais de metade das crianças (16 - 53.3%), esteve numa Ama e 60% numa Creche; 66.7% frequentaram o Jardim de Infância e 86.7% a Pré-Primária.

No Quadro 3 apresentam-se as frequências e percentagens respeitantes ao ano de escolaridade da criança.

Quadro 3

Escolaridade das Crianças (Grupo 1) – Frequências e Percentagens (%)

	Frequências	%
Pré-Primária	5	16.7%
1º ano	5	16.7%
2º ano	6	20%
3º ano	7	23.3%
4º ano	4	13.3%
5º ano	3	10%

Mais de metade das crianças frequenta os três primeiros anos de escolaridade (60%) e 16.7% a Pré-Primária.

No que refere aos Problemas de Saúde, 66.7% não apresentam nenhum problema ao passo que 33.3% apresentam os seguintes problemas: Asma (10%), Problemas de Coração (6.7%), Raquitismo (6.7%), Alergias (3.3%), Encoprese (3.3%) e Malformação (3.3)%. Em relação aos Problemas de Desenvolvimento, 93.3% das crianças não têm qualquer problema deste tipo, enquanto 6.7% apresentam Problemas de Linguagem. Quanto aos Problemas de Comportamento, 60% não manifestam nenhum problema ao passo que 40% apresentam este tipo de problemas (Hiperactividade – 33.3%, Agressividade – 3.3% e Isolamento – 3.3%).

3.1.2. Caracterização do Grupo 2 (Mães de Etnia Lusa)

As mães do Grupo 2 são todas portuguesas e de etnia lusa. A maior parte das respondentes é casada ou vive em união de facto (22 – 73.3%); apenas oito mães (26.7%) estão divorciadas ou separadas.

Quanto ao nível de escolaridade, como se pode observar no Quadro 4, a maioria completou o ensino superior (46.7%) ou o secundário (30%) e apenas três têm nove ou menos anos de escolaridade. Nesta variável há claramente uma distinção face ao Grupo 1, cujas mães concluíram, maioritariamente, 9 a 12 anos de escolaridade e apenas 8% completou o ensino superior.

Quadro 4

Escolaridade das Mães (Grupo 2) – Frequências e Percentagens (%)

	Frequências	%
4 anos	1	3.3%
9 anos	2	6.7%
12 anos	9	30%
Curso Profissional	4	13.3%
Ensino Superior	14	46.7%

A quase totalidade das mães está empregada (96.7%), exercendo na generalidade a actividade a tempo inteiro (93.3%); apenas uma mãe a exerce a tempo parcial.

A maioria integrava uma família nuclear no momento do estudo (70%); em cinco casos a família era monoparental (16.7 %) e em quatro reconstruída (13.3%). No que diz respeito ao número de filhos, ele varia entre 1 e 9 ($M = 2.23$; $DP = 1.41$). A maior parte das respondentes tem dois filhos (73.3%); quatro têm um filho (13.3%), duas têm três filhos (6.7%), uma tem quatro filhos (3.3%) e outra nove (3.3%). O número de raparigas, varia entre 0 e 3 ($M = 1.03$; $DP = .77$) e o número de rapazes entre 0 e 8 ($M = 1.20$; $DP = 1.47$).

No que diz respeito ao pai da criança, as idades variam entre 30 e 56 anos ($M = 40.17$; $DP = 4.87$). Face à escolaridade, quase metade (46.7%) tem entre nove e doze anos de escolaridade e 36.7% concluíram o ensino superior (ver Quadro 5).

Em relação às crianças-alvo (com idades entre os 5 e os 10 anos), 16 (53.3%) são do sexo feminino e 14 (46.7%) do sexo masculino, com uma idade média de 7.10 anos ($DP = 1.69$).

Quadro 5

Escolaridade dos Pais (Grupo 2) – Frequências e Percentagens (%)

	Frequências	%
4 anos	1	3.3%
6 anos	1	3.3%
9 anos	9	30%
12 anos	5	16.7%
Curso Profissional	3	10%
Ensino Superior	11	36.7%

A maioria das crianças não esteve numa Ama (73.3%) nem numa Creche (56.7%), tendo a quase totalidade (96.7%) frequentado Jardim de Infância e 80% Pré-Primária.

Relativamente à escolaridade (Quadro 6), 30% das crianças encontram-se na Pré-Primária, cerca de 1/3 frequentam o 1º e o 2º anos de escolaridade (33.4%) e aproximadamente 1/4 (23.3%) frequentam o 4º e o 5º ano.

Quadro 6

Escolaridade das Crianças (Grupo 2) – Frequências e Percentagens (%)

	Frequências	%
Pré-Primária	9	30%
1º ano	5	16.7%
2º ano	5	16.7%
3º ano	4	13.3%
4º ano	4	13.3%
5º ano	3	10%

Quanto aos Problemas de Comportamento, 83.3% não manifestam qualquer problema ao passo que 16.7% têm problemas deste tipo (Hiperactividade – 10%, Agressividade – 3.3% e Insegurança – 3.3%). No que se refere aos Problemas de Saúde, 93.3% não apresentam nenhum problema, tendo as restantes Asma e Problemas de Visão. Em relação aos Problemas

de Desenvolvimento, 90% das crianças não têm qualquer problema, sendo referidos Problemas de Linguagem face a 10%.

3.2. Instrumentos

Apresenta-se a seguir uma descrição breve do instrumento utilizado para avaliar o *stress* parental (Índice de *Stress* Parental) e da Ficha de Recolha de Informação, construída no âmbito deste trabalho com vista à obtenção de informação específica.

3.2.1. Índice de *Stress* Parental (ISP)

O Índice de *Stress* Parental constitui a adaptação portuguesa do *Parenting Stress Index* (PSI) de R. Abidin (1995), desenvolvida por Santos (Abidin & Santos, 2003; Santos, 2008). Tem como objectivo a avaliação da magnitude do *stress* no sistema pai/mãe-filhos e pode ser utilizado em vários contextos, designadamente clínico e de investigação (Abidin & Santos, 2003). É de aplicação individual (que em geral demora 20 a 30 minutos), podendo ser aplicado a figuras parentais de ambos os sexos.

A adaptação portuguesa inclui normas para crianças com idades compreendidas entre os 5 e os 10 anos, ainda que a escala americana tenha sido utilizada até aos 12 anos de idade (Idem).

A versão portuguesa é constituída por 132 itens dos quais 108 estão distribuídos por várias subescalas agrupadas em dois domínios: Domínio da Criança e Domínio dos Pais. Os itens são apresentados sob a forma de afirmações, e os pais devem posicionar-se face a cada um com base em cinco possibilidades de escolha (desde “Concordo Completamente” até “Discordo Completamente”), tendo em conta a relação que estabelecem com a/o filha/o. Os restantes itens (24) estão integrados numa Escala Opcional de *Stress* de Vida, de resposta dicotómica “Sim”/“Não”, a qual permite obter informação relativamente ao *stress* de vida que é experimentado pelos pais (Abidin & Santos, 2003).

O Domínio da Criança integra sete subescalas que avaliam aspectos do temperamento da criança e as percepções que os pais têm do impacto das características da criança neles próprios; especificamente, Maleabilidade de Adaptação, Aceitação, Exigência, Humor, Distracção/Hiperactividade, Reforço aos Pais e Autonomia (nova na adaptação portuguesa do instrumento e que no presente trabalho não foi considerada devido à sua baixa consistência

interna). O Domínio dos Pais é também composto por sete subescalas - Sentido de Competência, Vinculação, Restrição do Papel, Depressão, Relação com Marido/Mulher, Isolamento Social e Saúde –, as quais avaliam características pessoais dos pais e aspectos relacionados com o meio familiar que poderão influenciar a capacidade de lidar com as tarefas ligadas ao papel parental (ver Abidin & Santos, 2003).

O ISP permite a obtenção de quatro resultados diferentes: um resultado Total, um para cada Domínio, um para cada Subescala e um para a escala de *Stress* de Vida (Idem). Resultados mais elevados indicam níveis mais altos de *stress* parental experimentado pela mãe ou pai. Santos (2008) refere que resultados elevados no Domínio da Criança remetem para o facto de a criança apresentar qualidades que tornam difícil para os pais o desempenho do papel parental. Neste caso, as características da criança são o factor principal que contribui para o *stress* e potencial disfunção no sistema pais-crianças. A autora refere ainda que resultados elevados no Domínio dos Pais sugerem que as fontes de *stress* e a potencial disfunção no sistema mãe/pai-criança estarão relacionadas com características da figura parental e contextuais. Acresce que, em geral, resultados elevados na escala de *Stress* de Vida indiciam que a tarefa da parentalidade pode estar dificultada, aumentando também o potencial para problemas nas interacções familiares.

O ISP apresenta uma estabilidade temporal satisfatória dos resultados num período de três meses e bons níveis de consistência interna nos Domínios da Criança (.89) e dos Pais, (.91) e para o Total (.94) (ver Abidin & Santos, 2003).

3.2.2. Ficha de Recolha de Informação

No âmbito do presente estudo foi elaborada uma Ficha de Recolha de Informação, para ser preenchida pelas participantes, com vista à obtenção de informação específica (ver Anexo), particularmente informação sociodemográfica e relativa à família, e à criança-alvo.

A informação referente à criança-alvo incide em aspectos como sexo, idade, situação escolar, se a criança frequentou Ama, Creche, Jardim de Infância ou Pré-primária, e informações no âmbito da saúde, desenvolvimento e comportamento. Em relação às respondentes (mães) é solicitada informação sociodemográfica e familiar, designadamente idade, nacionalidade, escolaridade (este tipo de informação é também pedido face ao pai da criança), estado civil, grupo étnico, situação profissional, tipo de família e número de filhos (e ainda sexo, idade e local de nascimento de cada um deles).

3.3. Procedimento

As amostras foram recolhidas em diferentes contextos, designadamente no local de trabalho das respondentes, Centros Paroquiais e Centros de Apoio Social que frequentavam, e ainda na residência das participantes quando esta modalidade era da sua preferência.

Às mães foi explicado o objectivo da pesquisa (estudar as características do *stress parental* em mães de etnias Africana e Lusa) e indicado que a sua participação era voluntária. Em todos os casos foi assegurada a confidencialidade dos dados e das informações prestadas, e explicado que as respostas eram anónimas uma vez que o nome da participante não seria registado.

As mães que aceitaram participar (e que cumpriram os critérios de inclusão referidos no ponto 3.1.) preencheram primeiro a Ficha de Recolha de Informação de âmbito sociodemográfico (ver Anexo) e em seguida o Índice de *Stress Parental* (Abidin & Santos, 2003).

Em vários casos (sobretudo no Grupo 1 – mães de etnia Africana) foi necessário auxiliar no preenchimento da Ficha de Recolha de Informação e do ISP devido à dificuldade manifestada na compreensão de algumas questões e itens, bem como no registo na Folha de Respostas do ISP.

No Grupo 2 (mães de etnia Lusa) a aplicação demorou, em média, 25 minutos, mas no Grupo 1 a aplicação foi mais demorada dado o nível mais baixo de escolaridade destas mães.

4. Resultados

Neste ponto apresentam-se os resultados relativos ao *stress* parental experimentado pelos dois grupos em estudo (que, de forma abreviada, vão ser indicados com a designação Mães Africanas e Mães Lusas), avaliado através do Índice de *Stress* Parental (ISP; Abidin & Santos, 2003), adaptação portuguesa do *Parenting Stress Index* (PSI; Abidin, 1995). No ponto 4.1 figuram os resultados decorrentes da comparação das mães dos dois grupos; do ponto 4.2 constam os resultados referentes à relação do *stress* parental com problemas de comportamento da criança, em ambos Grupos; no ponto 4.3 discriminam-se os resultados referentes à relação do *stress* parental com variáveis sociodemográficas e familiares das mães e no ponto 4.4 a relação com variáveis sociodemográficas das crianças. Os dados respeitantes às variáveis sociodemográficas e familiares e aos problemas de comportamento da criança foram obtidos através da Ficha de Recolha de Informação (ver Anexo), construída no âmbito deste estudo.

4.1 *Stress* Parental: Comparação das Respostas das Mães dos Grupos 1 e 2

Para a análise e comparação das respostas das mães dos dois grupos, utilizou-se o *teste t de student* (para amostras independentes). Do Quadro 7 constam as médias e os desvios-padrão obtidos para cada uma das Subescalas, Domínios e Total, e os valores de *t* resultantes da comparação das respostas das mães dos dois grupos.

Verifica-se que existem diferenças significativas entre os dois grupos ao nível do Domínio da Criança (e em subescalas deste Domínio), com resultados mais elevados no Grupo 1 ($M = 113.17$ versus $M = 97.60$). Ao nível das subescalas, o Grupo 1 obtém resultados significativamente mais elevados na Distracção/Hiperactividade (Grupo 1: $M = 25.10$; Grupo 2: $M = 19.67$); Reforço aos pais (Grupo 1: $M = 11.63$; Grupo 2: $M = 9.00$); Aceitação (Grupo 1: $M = 19.07$ e Grupo 2: $M = 15.47$).

Quadro 7

ISP - Comparação das Respostas do Grupo 1 (G1) e do Grupo 2 (G2): Médias (M), Desvios-Padrão (DP) e Valores de t

SUBESCALAS/ DOMÍNIOS	G1		G2		t
	M	DP	M	DP	
Distracção/Hiperactividade	25.10	6.41	19.67	5.99	3.39**
Reforço aos Pais	11.63	4.09	9.00	3.22	2.77**
Humor	8.67	2.94	8.40	2.22	.40
Aceitação	19.07	6.17	15.47	4.31	2.62*
Maleabilidade Adaptação	29.70	8.16	27.53	5.32	1.22
Exigência	19.00	6.24	17.53	4.66	1.03
Sentido de Competência	28.97	7.68	27.13	4.42	1.13
Vinculação	12.10	3.81	11.30	2.42	.97
Restrição do Papel	16.50	6.43	17.43	4.40	-.66
Depressão	18.27	6.14	19.97	4.89	-1.19
Relação Marido/Mulher	18.07	5.99	18.63	6.06	-.36
Isolamento Social	12.00	4.32	12.60	2.94	-.63
Saúde Parental	13.87	3.77	12.97	3.05	1.02
Domínio da Criança	113.17	22.96	97.60	14.99	3.11**
Domínio dos Pais	119.77	24.03	120.03	20.11	-.05
Total	232.93	42.79	217.63	24.58	1.70
Escala <i>Stress</i> de Vida	38.73	16.03	18.20	15.85	4.99***

Nota. Grupo 1 – Africanas (N = 30); Grupo 2 – Lusas (N = 30)

df = 58

*p<.05, **p<.01, ***p<.001

Ocorrem também diferenças significativas face à Escala *Stress* de Vida, sendo mais uma vez o valor médio para o Grupo 1 ($M = 38.73$) significativamente mais elevado do que o do Grupo 2 ($M = 18.20$).

4.2 Relação do *Stress* Parental com os Problemas de Comportamento da Criança - Grupos 1 e 2

Para determinar a relação do *stress* parental (Domínios do ISP) com a perspectiva materna sobre os Problemas de Comportamento da criança (ausência *versus* presença), nos dois grupos, utilizou-se a correlação *Bisserial por Pontos* (relação entre variáveis métricas e dicotômicas). No Quadro 8 indicam-se os resultados para os dois Grupos.

Quadro 8

Correlação do *Stress* Parental (Domínios do ISP) com os Problemas de Comportamento da Criança (Grupos 1 e 2)

	Problemas de Comportamento	
	Grupo 1	Grupo 2
Domínio Criança	.31	.78***
Domínio dos Pais	.10	.05

*** $p < .001$

Conforme se observa no Quadro 8, no Grupo 1 não se obtêm resultados significativos para a relação dos Domínios (Criança e Pais) com os Problemas de Comportamento da criança; no Grupo 2 obtém-se uma correlação significativa e positiva entre esta variável e o Domínio da Criança.

Considerando os resultados significativos obtidos para o Grupo 2, explora-se em seguida quais as subescalas do Domínio da Criança que poderão ser importantes para a relação encontrada. Assim, no Quadro 9 apresentam-se os resultados relativos à correlação das subescalas do Domínio da Criança com a variável Problemas de Comportamento da criança.

Ocorrem correlações significativas e positivas dos Problemas de Comportamento com as subescalas Exigência, Aceitação, Maleabilidade de Adaptação, Humor e Distração/Hiperactividade.

Quadro 9

Grupo 2 (Lusas): Correlação do *Stress* Parental (Subescalas do Domínio da Criança do ISP) com os Problemas de Comportamento da Criança

Subescalas	Problemas de Comportamento
Distracção/Hiperactividade	.38*
Reforço aos pais	-.03
Humor	.41*
Aceitação	.69***
Maleabilidade de Adaptação	.45*
Exigência	.71***

* $p < .05$, *** $p < .001$

4.3 Relação do *Stress* Parental com Variáveis Sociodemográficas e Familiares das Mães - Grupos 1 e 2

Para averiguar a relação do *stress* parental (Domínios do ISP) com variáveis sociodemográficas das mães de ambos os grupos, utilizaram-se os coeficientes de correlação de *Pearson*, *Spearman* ou *Bisserial por Pontos* (consoante o tipo de variáveis em causa, respectivamente, relação entre variáveis métricas, relação entre variáveis métricas e ordinais ou relação entre variáveis métricas e dicotómicas). No Quadro 10 figuram os resultados da correlação do *stress* parental com as variáveis sociodemográficas Idade, Escolaridade e Número de Filhos.

Quadro 10

Correlação do *Stress* Parental (Domínios do ISP) com Variáveis Sociodemográficas das Mães – Idade, Escolaridade e Número de Filhos (Grupos 1 e 2)

	Idade		Escolaridade		Nº de Filhos	
	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 1	Grupo 2
Domínio Criança	-.30	.28	-.16	.39*	-.04	.18
Domínio dos Pais	-.17	-.07	-.13	.02	-.10	-.10

Nota. Grupo 1 – Africanas, Grupo 2 – Lusas; * $p < .05$

Conforme se observa no Quadro 10 não se obtiveram correlações significativas com a Idade e o Número de Filhos, sendo apenas significativa a relação do Domínio da Criança com a Escolaridade das Mães no caso do Grupo 2.

Tendo em conta o resultado significativo obtido, foram objecto de análise, exploratória, as subescalas que poderão ser importantes para a relação encontrada. Neste sentido, no Quadro 11 apresentam-se os resultados relativos à correlação das subescalas do Domínio da Criança com a Escolaridade da Mãe no Grupo 2.

Quadro 11

Correlação do *Stress* Parental (Subescalas do Domínio da Criança do ISP) com a Escolaridade da Mãe (Grupo 2)

Subescalas	Escolaridade da Mãe
Distracção/Hiperactividade	-.01
Reforço aos pais	.12
Humor	.12
Aceitação	.30
Maleabilidade de Adaptação	.34 [†]
Exigência	.31

Nota. Grupo 2 – Lusas

[†]p=.07

Constata-se que apenas se obtém uma correlação marginalmente significativa entre a subescala Maleabilidade de Adaptação e a Escolaridade da mãe, tendo, portanto, maior saliência o resultado para o Domínio da Criança do que os resultados parcelares.

No que se refere à Situação Profissional (empregadas *versus* desempregadas) a relação do *stress* parental com esta variável foi explorada somente em relação ao Grupo 1 (Africanas) uma vez que no Grupo 2 (Lusas) apenas uma mãe se encontra na situação de desemprego, estando as restantes empregadas (a tempo inteiro ou parcial). A correlação entre as variáveis em causa não conduz a um resultado significativo quer para o Domínio da Criança ($-.11, p = .553$), quer para o Domínio dos Pais ($.15, p = .435$).

Face ao Estado Civil (não-casadas *versus* casadas), verifica-se que no Grupo 1 (Africanas) não se obtém correlações significativas com o *stress* parental (Domínio da

Criança: $.10, p = .592$; Domínio dos Pais: $-.27, p = .153$), e que no Grupo 2 (Lusas) também não é significativa a relação com o Domínio da Criança ($.24, p = .203$), não se chegando a atingir significância estatística na relação com o Domínio dos Pais ($-.33, p = .071$).

No Quadro 12 figuram os resultados respeitantes à relação dos Domínios do ISP com o Tipo de Família (nuclear *versus* não-nuclear), em ambos os grupos.

Quadro 12

Correlação do *Stress* Parental (Domínios do ISP) com o Tipo de Família (Grupos 1 e 2)

	Tipo de Família	
	Grupo 1	Grupo 2
Domínio Criança	.11	-.16
Domínio dos Pais	.45*	.25

* $p < .05$

Observa-se que só se obtém uma correlação significativa do Tipo de Família com o Domínio dos Pais e apenas no Grupo 1. Considerando o resultado significativo obtido, fez-se uma análise exploratória ao nível das subescalas do Domínio dos Pais para averiguar quais poderão ser mais importantes para a relação encontrada. Estes resultados são apresentados no Quadro 13.

Quadro 13

Grupo 1 (Africanas): Correlação do *Stress* Parental (Subescalas Domínio dos Pais do ISP) com o Tipo de Família

Subescalas	Tipo de Família
Sentido de Competência	.15
Vinculação	.31
Restrição do Papel	-.07
Depressão	.04
Relação Marido/Mulher	.37*
Isolamento Social	.37*
Saúde	.13

Nota. Grupo 1 – Africanas; * $p < .05$

Verifica-se que se obtêm correlações significativas do Tipo de Família com as subescalas Isolamento Social e Relação Marido/Mulher.

4.4 Relação do *Stress* Parental com Variáveis Sociodemográficas das Crianças - Grupos 1 e 2

Para a análise da relação do *stress* parental (Domínios do ISP) com variáveis sociodemográficas das crianças, nos dois grupos, utilizaram-se os coeficientes de correlação de *Pearson*, *Spearman* ou *Bisserial por Pontos* (consoante o tipo de variáveis em causa). No Quadro 14 figuram os resultados da correlação do *stress* parental com as variáveis sociodemográficas das crianças consideradas - Sexo, Idade e Escolaridade.

Verifica-se que no Grupo 2 não ocorrem correlações significativas do *Stress* Parental (Domínios) com qualquer uma das variáveis sociodemográficas da criança. Contudo, no Grupo 1 é de salientar que se obtêm correlações significativas e negativas da Idade e da Escolaridade da Criança com o Domínio dos Pais.

Quadro 14

Correlação do *Stress* Parental (Domínios do ISP) com Variáveis Sociodemográficas das Crianças (Grupos 1 e 2)

	Sexo		Idade		Escolaridade	
	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 1	Grupo 2
Domínio Criança	-.07	.01	-.04	.03	-.08	-.04
Domínio dos Pais	.11	.08	-.49**	-.19	-.46**	-.13

Nota. Grupo 1 – Africanas; Grupo 2 – Lusas

**p<.01

Tendo em conta os resultados significativos obtidos, procedeu-se mais uma vez a uma análise exploratória de quais as subescalas que poderão ser importantes para as relações encontradas. Do Quadro 15 constam os resultados referentes à correlação das subescalas do Domínio dos Pais com as variáveis Idade e Escolaridade no Grupo 1.

Quadro 15

Correlação do *Stress* Parental (Subescalas do Domínio dos Pais do ISP) com a Idade e a Escolaridade da Criança (Grupo 1)

Subescalas	Idade	Escolaridade
Sentido de Competência	-.21	-.27
Vinculação	-.26	-.22
Restrição do Papel	-.41*	-.35 [†]
Depressão	-.19	-.21
Relação Marido/Mulher	-.29	-.13
Isolamento Social	-.46*	-.50**
Saúde	-.43*	-.54**

Nota. Grupo 1 – Africanas

* $p < .05$, ** $p < .01$, [†] $p = .60$

Verifica-se que se obtêm correlações significativas e negativas da Idade e Escolaridade com as subescalas Saúde, Isolamento Social e Restrição do Papel, mas neste último caso a relação com a Escolaridade é apenas marginalmente significativa.

5. Discussão

Neste ponto procede-se à discussão dos resultados obtidos com base nos objectivos traçados no presente estudo. Fazem parte deste ponto os seguintes tópicos: diferenças no *stress* parental experimentado por mães Africanas (Grupo 1) e Lusas (Grupo 2); relação do *stress* parental com problemas de comportamento da criança; relação do *stress* parental com variáveis sociodemográficas e familiares.

5.1 – Diferenças no *Stress* Parental Experimentado por Mães Africanas e Lusas

A análise dos resultados obtidos neste estudo evidencia que existem diferenças no *stress* parental experimentado pelas mães de etnia Africana (Grupo 1) e Lusa (Grupo 2), salientando-se que as mães do Grupo 1 revelaram níveis mais elevados de *stress* parental associado às características da criança (Domínio da Criança). Em termos de áreas de *stress*, os dois grupos distinguiram-se nas subescalas Distracção/Hiperactividade, Reforço aos Pais e Aceitação, obtendo as mães do Grupo 1 resultados significativamente mais elevados. Especificamente, estas mães, comparativamente com as do Grupo 2, consideram que a criança tem características de distracção, agitação e nível de actividade geradoras de mais *stress*, tendo também características diferentes das que elas esperavam, o que poderá dificultar a sua aceitação, e sentem-se menos reforçadas no desempenho do papel parental. Estes resultados vão na linha dos referidos por outros autores (e.g., Raphael et al., 2009; Middlemiss, 2003) que encontraram níveis mais elevados de *stress* parental na etnia africana.

A Hipótese colocada (Hipótese 1) é, assim, confirmada, a qual previa a ocorrência deste tipo de diferenças entre os dois grupos ao nível de pelo menos um dos Domínios do ISP (Criança/Pais).

As mães do Grupo 1 obtiveram ainda resultados significativamente mais elevados na Escala *Stress* de Vida, denotando que elas experimentam mais *stress* associado com acontecimentos de vida. Este tipo de *stress* pode contribuir para dificultar a tarefa de se ser mãe, aumentando a probabilidade de ocorrência de problemas nas interacções dentro da família e aumentando o *stress* parental (ver Abidin, 1995; Abidin & Santos, 2003). O resultado é consonante com os de autores que identificam o *stress* de vida como tendo consequências nefastas para o desempenho do papel parental (e.g., Taylor et. al. 2007; Wheatley & Wille, 2009), designadamente as dificuldades económicas (e.g., Cain & Combs, 2005; Taylor et al., 2007). Nesta sequência, é possível que os níveis superiores de *stress* de

vida das mães “africanas” contribuam para que tenham mais dificuldade em atender às necessidades das crianças e sintam menos disponibilidade para ela, sendo também viável considerar que elas sejam mais vulneráveis a factores geradores de *stress* (Kessler & Neighbor, 1986), manifestando assim maior dificuldade no desempenho do papel parental (ver Pinderhughes et al., 2000).

5.2 – Relação do *Stress Parental* com Problemas de Comportamento da Criança

No que diz respeito à relação do *stress* parental com problemas de comportamento na criança (perspectiva materna), verificou-se que no Grupo 1 não ocorreu nenhuma associação desta variável com o *stress* parental (Domínios da Criança e Domínio dos Pais), ao contrário do que aconteceu no Grupo 2. De facto, neste grupo observou-se que as mães que identificaram problemas de comportamento na criança referem níveis mais elevados de *stress* decorrente de características da criança (Domínio da Criança). A exploração de quais as subescalas que poderiam ser importantes para o resultado obtido conduziu a uma associação daquele tipo de problemas com todas as subescalas do Domínio da Criança, à excepção da subescala Reforço aos Pais. Tal indica que a presença de problemas de comportamento na criança, segundo a perspectiva das mães, se relaciona com o facto de as mães considerarem que a criança tem características de comportamento que se pautam por distração, agitação e excesso de actividade (Distração/Hiperactividade), alterações de humor (Humor) e dificuldades em lidar com mudanças e transições (Maleabilidade de Adaptação), colocando ainda mais exigências do que as mães esperavam (Exigência), aspectos que podem contribuir para a percepção de que a criança possui características diferentes das antecipadas pelas mães (Aceitação). Assim, parece que no Grupo 2 as mães das crianças com problemas de comportamento estarão em maior risco em termos de *stress* parental, estando este claramente relacionado com características da criança. A associação entre *stress* parental e problemas de comportamento na criança tem sido ressaltada na literatura (e.g., Baker et al., 2003; Deater-Deckard, 1998). Curiosamente, este tipo de associação não é encontrado para o Grupo 1, apesar das mães deste grupo indicarem que 40% das crianças têm problemas de comportamento (percentagem claramente superior à do Grupo 2 – 16.7%). Poderá dar-se o caso de as mães do Grupo 1 terem mais facilidade em lidar com os problemas de comportamento da criança, ou desvalorizarem mais as suas manifestações, de tal forma que eles não seriam geradores de níveis elevados de *stress* parental. Outra possibilidade é que

neste grupo haja uma tendência para as mães serem mais permissivas, em termos de estilo parental, o que se traduziria também numa maior aceitação do comportamento da criança.

A hipótese colocada (Hipótese 2), que previa a relação do *stress* parental com problemas de comportamento da criança (independentemente do grupo), é confirmada apenas em parte uma vez que tal foi verificado para o Grupo 2, mas não para o Grupo 1.

5.3 – Relação do *Stress* Parental com Variáveis Sociodemográficas e Familiares

No que se refere à relação do *stress* parental com variáveis sociodemográficas, e começando pelas variáveis maternas (idade, escolaridade, situação profissional – apenas Grupo 1 -, estado civil e número de filhos), sobressai que somente se obteve um resultado significativo, para o Grupo 2 – as mães com um nível de instrução mais alto referem mais *stress* parental associado com características da criança (Domínio da Criança), tendendo a ser perspectivada como geradora de *stress* a maior dificuldade da criança em se adaptar a transições e mudanças (Maleabilidade de Adaptação), ainda que este resultado não chegue a alcançar significância estatística. É possível que as mães mais instruídas possam ter desafios profissionais acrescidos e que tal contribua para dificultar a conjugação da vida profissional com a parentalidade, com consequência nos níveis de *stress* experimentado, e que elas sejam especialmente sensíveis à eventual dificuldade da criança em ser flexível na adaptação a diferentes situações. Tal não acontece no Grupo 1, talvez por as crianças-alvo serem mais “adaptáveis”, ou as mães menos exigentes. Para além disso, neste grupo é menor o número de mães com um nível de instrução superior, o que poderá ter contribuído para não haver significância estatística.

Na sequência do acima referido, confirma-se a Hipótese 3 que previa a existência de uma relação entre o *stress* parental (Domínio da Criança e/ou dos Pais) e pelo menos uma das variáveis sociodemográficas das mães.

Quando se consideram as variáveis sociodemográficas das crianças (sexo, idade e escolaridade), obtêm-se resultados significativos apenas para o Grupo 1 – a criança ser mais nova e ter menos anos de escolaridade associa-se com níveis mais elevados de *stress* parental decorrente de características das mães (Domínio dos Pais). Relativamente às áreas de *stress*, as mães destas crianças referem estar mais isoladas do ponto de vista social (Isolamento Social), sentem-se mais frágeis em termos da sua saúde física (Saúde) e perspectivam o papel

parental como colocando mais restrições nas suas vidas do que esperavam (Restrição do Papel); no caso da associação com a “escolaridade” este último resultado é apenas marginalmente significativo.

A Hipótese 5 é, assim, confirmada já que previa uma relação do *stress* parental (Domínio da Criança e/ou dos Pais) com alguma(s) das variáveis sociodemográficas das crianças.

Os resultados são consonantes com os de autores que identificam níveis mais altos de *stress* parental em figuras parentais de crianças mais novas (ver Abidin, 1995).

Face à relação do *stress* parental com o tipo de família, verificou-se que, no Grupo 1, as mães que pertencem a famílias de tipo não-nuclear (e.g., monoparental, reconstruída) revelam níveis mais altos de *stress* associados com as suas próprias características (Domínio dos Pais), sentindo-se menos apoiadas pelos companheiros/pais da criança (Relação Marido/Mulher) e mais isoladas do ponto de vista social (Isolamento Social). Isto denota que as mães de etnia Africana avaliam o apoio conjugal e social recebidos como insuficientes para o desempenho do papel parental.

Confirma-se a Hipótese 4, a qual previa a ocorrência de níveis mais elevados de *stress* parental quando a família é não-nuclear, pelo menos para o Grupo 1.

Os resultados vão na mesma linha dos de autores que defendem a existência de mais *stress* em famílias não-nucleares, designadamente monoparentais, incluindo nas mães afro-americanas (Taylor et al., 2007; Taylor et al., 2010; ver também Pinderhughes et al., 2000). Contudo, os resultados parecem dissonantes do referido por Cain e Combs-Orme (2005) no que respeita à etnia africana, a qual contaria com redes sociais próximas (parentes, vizinhos e membros da igreja) para partilhar o cuidado da criança. Este poderá não ser o caso de um número importante de mães da amostra o que se reflectirá, por hipótese, nos níveis de *stress* parental experimentados.

Por último, mencione-se que, das cinco hipóteses colocadas neste estudo, todas foram confirmadas, embora uma delas apenas em parte (Hipótese 2).

6. Conclusão

O presente estudo incidiu no *stress* parental experimentado por mães de duas etnias (Africana e Lusa) com crianças de idades compreendidas entre os 5 e os 10 anos. No que se refere ao *stress* parental, verificou-se que, de acordo com o esperado, as mães de etnia Africana, comparativamente com as de etnia Lusa, experimentam níveis mais elevados de *stress* decorrentes de características da criança (Domínio da Criança e subescalas Distracção/Hiperactividade, Reforço aos Pais e Aceitação), assim como de *stress* de vida (Escala de *Stress* de Vida) o que é concordante com a literatura nesta área.

No Grupo 1 (Africanas) salientou-se ainda que as mães das crianças mais novas e das que têm menos anos de escolaridade referem mais *stress* parental associado com as suas próprias características (Domínio dos Pais), considerando que o papel parental coloca mais restrições nas suas vidas do que esperavam (subescala Restrição do Papel) e sentindo-se mais isoladas do ponto de vista social (subescala Isolamento Social) e com pior saúde física (subescala Saúde). O tipo de família revelou ser também uma variável importante, constatando-se que as mães que pertencem a famílias não-nucleares (e.g., monoparental, reconstituída) sentem pouco apoio, quer por parte do cônjuge/pai da criança (subescala Relação Conjugal) quer social (subescala Isolamento Social), o que, mais uma vez, se enquadra na literatura, sobretudo na dirigida para a monoparentalidade.

Por sua vez, as mães do Grupo 2 (Lusas) que identificam problemas de comportamento na criança referem níveis mais elevados de *stress* parental associado com as características da criança (Domínio da Criança e subescalas deste Domínio, com excepção da subescala Reforço aos Pais). Neste Grupo foi ainda observado que as mães com mais escolaridade reportam também níveis mais altos de *stress* parental associado com as características da criança (Domínio da Criança).

No que se refere às limitações do presente estudo, destaca-se, em primeiro lugar, a reduzida dimensão da amostra, o que condiciona as conclusões a retirar, propondo-se que, em investigações futuras, seja contemplado um maior número de participantes. Uma segunda limitação diz respeito a não se ter controlado variáveis sociodemográficas específicas de modo a haver maior homogeneidade entre os dois grupos. De referir ainda como limitação o facto de, em alguns casos, ter sido a entrevistadora a auxiliar as mães no preenchimento do instrumento utilizado, devido a dificuldades na compreensão e execução (sobretudo no Grupo

1 devido ao maior número de mães com um nível baixo de escolaridade), o que não permitiu um procedimento uniformizado na aplicação.

Para futuros estudos, na mesma temática, propõe-se a inclusão dos pais, para além das mães, com vista à comparação do *stress* parental das mães e dos pais e entre etnias. Seria também importante considerar variáveis relacionadas com outras dimensões do funcionamento parental (por exemplo, práticas educativas). Teria pertinência a realização de um estudo longitudinal de modo a acompanhar a evolução do *stress* parental até à adolescência.

Espera-se que este estudo tenha dado um contributo para aumentar a compreensão sobre o *stress* parental experimentado por mães de etnia africana e lusa (com filhos na faixa etária considerada), reconhecendo-se, no entanto, a importância de se atender a outros factores potencialmente influentes no maior ou menor grau de *stress* experimentado no desempenho do papel parental como o nível socioeconómico ou o apoio conjugal, familiar e social.

Referências Bibliográficas

- Abidin, R. R. (1992). The determinants of parenting behavior. *Journal of Clinical Child Psychology*, 21(4), 407-412.
- Abidin, R. R. (1995). *Parenting Stress Index – Manual* (3rd ed.). Odessa: Psychological Assessment Resources.
- Abidin, R. R., & Santos, S. V. (2003). *Índice de Stress Parental (PSI) – Manual* (1^a ed.). Lisboa: CEGOC-TEA.
- Baião, R. M. (2009). *Stress parental e prematuridade*. Dissertação de Mestrado Integrado não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Baker, B. L., McIntyre, L. L., Blacher, J., Crnic, K. A., Edelbrock, C., & Low, C. (2003). Pre-school children with and without developmental delay: Behaviour problems and parenting stress over time. *Journal of Intellectual Disability Research*, 47, 217-230.
- Beker, D., & Liddle, H. A. (2001). Family therapy with unmarried african american mothers and their adolescents. *Family Process*, 40, 413-427.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55, 83-96.
- Cain, D. S., & Combs-Orme, T. (2005). Family structure effects on parenting stress and practices in the African-American family. *Journal of Sociology and Social Welfare*, XXXII,(2) 19-40.
- Cairney, J., Boyle, M., Offord, D. R., & Racine, Y. (2003). Stress, social support and depression in single and married mothers. *Social Psychiatry & Psychiatric Epidemiology*, 38, 442-449.
- Crnic, K. A., & Low, C. (2002). Everyday stresses and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (2nd ed., Vol.5, pp. 243–267). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Deater-Deckard, K. (1998). Parenting stress and child adjustment: Some old hypotheses and new questions. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 5, 314-332.

- Deater-Deckard, K. (2004). *Parenting stress*. Michigan: Penguin Group (USA).
- Franco, L. M., Pottick, K. J., & Huang, C. C. (2010). Early parenthood in a community context: Neighborhood conditions, race–ethnicity, and parenting stress. *Journal of Community Psychology, 38*, 574-590.
- Grote, N. K., Bledsoe, S. E., Larkin, J., Lemay, E. P., Brown C. (2007). Stress exposure and depression in disadvantage women: The protective effects of optimism and perceived control. *Social Work Research, 31*(1) 19-33.
- Guajardo, N. R., Snyder G., & Petersen, R. (2009). Relationships among parenting practices, parental stress, child behaviour, and children’s social-cognitive development. *Infant and Child Development, 18*, 37-60.
- Hoffmeyer-Zlotnik, J. H. P. & Warner, U. (2010). The concept of ethnicity and its operationalisation in cross-national social surveys. *In Metodoloski zvezki. 7*(2), 107-132.
- Johnston, C., & Mash, E. J. (2001). Families of children with attention-deficit/hyperactivity disorder: Review and recommendations for future research. *Clinical Child and Family Psychology Review, 4*(3), 183-207.
- Kessler, R. C., & Neighbors, H. W. (1986). A new perspective on the relationships among race, social class, and psychological distress. *Journal of Health and Social Behavior, 27*, 107-115.
- McLoyd, V. C. (1990). The impact of economic hardship on Black families and children: Psychological distress, parenting, and socioemotional development. *Child Development, 61*, 311-346.
- McLoyd, V. C. (1998). Socioeconomic disadvantage and child development. *American Psychologist, 53*, 185-204.
- Mash, E. J., & Johnston, C. (1990). Determinants of parenting stress: Illustrations from families of hyperactive children and families of physically abused children. *Journal of Clinical Child Psychology, 19*, 313-328.

- Mistry, R. S., Vandewater, E. A., Huston, A. C., & McLoyd, V. C. (2002). Economic well-being and children's social adjustment: The role of family process in an ethnically diverse low-income sample. *Child Development*, *73*, 935-951.
- Middlemiss, W. (2003). Brief report: Poverty, stress, and support: Patterns of parenting behaviour among lower income black and lower income white mothers. *Infant and Child Development*, *12*, 293-301.
- Mullins, L. L., Wolfe-Christensen, C., Chaney, J. M., Elkin, T. D., Wiener, L., Hullmann, S. E., Fedele, D. A., & Junghans, (2011). The relationship between single-parent status and parenting capacities in mothers of youth with chronic health conditions: The mediating role of income. *Journal of Pediatric Psychology*, *36*, 249-257.
- Murry, V. M., Bynum, M. S., Brody, G. H., Willert, A., & Stephens, D. (2001). African American single mothers and children in context: A review of studies on risk and resilience. *Clinical Child and Family Psychology Review*, *4*, 133-155.
- Neece, C. & Baker, B. (2008) Predicting maternal parenting stress. *Journal of Intellectual Disability Research*, *52*, 1114-1128.
- Osborne, P. (1989). *Parenting for the '90s*. Pennsylvania: Good Books.
- Östberg, M., & Hagekull, B. (2000). A structural modeling approach to the understanding of parenting stress. *Journal of Clinical Child Psychology*, *29*, 615-625.
- Pinderhughes, E. E., Dodge, K. A., Bates, J. E., Pettit, G. S., & Zelli, A. (2000). Discipline responses: Influences on parents' socioeconomic status, ethnicity, beliefs about parenting, stress, and cognitive-emotional processes. *Journal of Family Psychology*, *14*, 380-400.
- Putnick, D. L., Bornstein, M. H., Hendricks, C., Painter, K. M., Suwalsky, J. T. D., & Collins, W. A. (2010). Stability, continuity, and similarity of parenting stress in European American mothers and fathers across their child's transition to adolescence. *Parenting: Science and Practice*, *10*(1), 60-77.
- Raphael, J. L., Zhang, Y., Liu, H., Giardino, A. P. (2009). Parenting stress in US families: Implications for paediatric healthcare utilization. *Child: Care, Health and Development*, *36*, 216-224.

- Santos, S. V. (2008). Santos, S. V. (2008). Índice de stress parental (PSI). In L. S. Almeida, M. R. Simões, C. Machado, & M. M. Gonçalves (Coods.), *Avaliação psicológica. Instrumentos validados para a população portuguesa* (2ª ed., Vol. II, pp. 123-134.). Coimbra: Quarteto.
- Solis-Ponton, D., & Lebovici, S. (2004). Diálogo Leticia Solis-Ponton e Serge Levovici. In D. Solis-Ponton (Ed.), *Ser pai, ser mãe – Parentalidade: Um desafio para o terceiro milénio* (pp. 21-27). S. Paulo: Casa do Psicólogo.
- Taylor, J. Y., Washington, O. G. M., Artinian, N. T., & Lichtenberg, P. (2007). Parental stress among african american parents and grandparents. *Issues in Mental Health Nursing, 28*, 373-387.
- Taylor, R. D., Roberts D., & Jacobson, L. (1997). Stressful life events, psychological well-being, and parenting in african american mothers. *Journal of Family Psychology, 11*, 436-446.
- Taylor, Z. E. Larsen-Rife, D., Conger, R. D., Widaman, K. F., & Cutrona, C. E. (2010). Life stress, maternal optimism, and adolescent competence in single mother, african american families. *Journal of Family Psychology, 24*, 468-477.
- Webster-Stratton, C. (1990). Stress: A potential disruptor of parent perceptions and family interactions. *Journal of Clinical Child Psychology, 19*, 302-312.
- Wheatley, M. K., & Wille, D. E. (2009). Changes in parents' stress as their children become adolescents: A validation of the stress index for parents of adolescents. *The International Honor Society in Psychology, 14*, 121-128.
- Willinger, U., Diendorfer-Radner, G., Willnauer, R., Jörgl, G., & Hager, V. (2005). Parenting stress and parental bonding. *Behavioral Medicine, 31*, 63-69.

www.infopedia.pt/lingua-portuguesa-ao/etnia.

Anexo

FICHA DE RECOLHA DE INFORMAÇÃO

Data de preenchimento: ___/___/___

Antes de responder às questões que se seguem, por favor leia atentamente todas elas e assinale o que se aplica.

INFORMAÇÃO SOBRE A CRIANÇA

Sexo: Feminino Masculino

Data de nascimento ___/___/___ Local _____ Idade ___ anos

ESCOLARIDADE

- Pré-primária
- 1º ano
- 2º ano
- 3º ano
- 4º ano
- 5º ano
- 6º ano

A CRIANÇA FREQUENTOU:

Ama: Não Sim

Creche: Não Sim

Jardim Infantil: Não Sim

Pré-primária: Não Sim

INFORMAÇÃO SOBRE OS PAIS

Idade da mãe: ___ anos

Idade do pai: ___ anos

Nacionalidade: _____

Nacionalidade: _____

ESCOLARIDADE DOS PAIS:

Mãe:

- Não alfabetizada
- 4 anos
- 6 anos
- 9 anos
- 12 anos
- Curso Profissional
- Ensino superior

Pai:

- Não alfabetizado
- 4 anos
- 6 anos
- 9 anos
- 12 anos
- Curso Profissional
- Ensino superior

ESTADO CIVIL DA RESPONDENTE (MÃE):

- Solteira
- Casada /União de facto
- Divorciada /Separada
- Viúva

GRUPO ÉTNICO: Luso
 Africano

Se for Africano, há quanto tempo vive em Portugal? _____

SITUAÇÃO PROFISSIONAL:

- No activo Se sim: Tempo inteiro Meio tempo
- Desempregada
- Reformada
- Outra Qual? _____

TIPO DE FAMÍLIA:

- Nuclear
- Monoparental
- Reconstruída
- Alargada
- Outra Qual? _____

Membros da família que vivem em casa: _____

Número de filhos _____

PARA CADA UM DOS SEUS FILHOS INDIQUE (DO MAIS VELHO PARA O MAIS NOVO):

- Sexo: Feminino Masculino

Data de Nascimento: ___/___/_____ Local_____ Idade___ anos

- Sexo: Feminino Masculino

Data de Nascimento: ___/___/_____ Local_____ Idade___ anos

- Sexo: Feminino Masculino

Data de Nascimento: ___/___/_____ Local_____ Idade___ anos

- Sexo: Feminino Masculino

Data de Nascimento: ___/___/_____ Local_____ Idade___ anos

- Sexo: Feminino Masculino

Data de Nascimento: ___/___/_____ Local_____ Idade___ anos

A CRIANÇA TEM PROBLEMAS DE:

Saúde Não Sim Se sim, qual (ais)_____

Desenvolvimento Não Sim Se sim, qual (ais)_____

Comportamento Não Sim Se sim, qual (ais)_____